



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



## **ALFABETIZAÇÃO E A PANDEMIA: DESAFIOS PARA ALFABETIZAR NO ENSINO REMOTO**

Sthefany Oliveira Velasques

### **RESUMO**

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), realizada no curso de Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, intitulado “Alfabetização e pandemia: desafios para alfabetizar no Ensino Remoto”. O objetivo geral é levantar as concepções de alfabetização e o objetivo específico foi pontuar os desafios e dificuldades dos professores alfabetizadores para a realização das aulas e elaboração de materiais a fim de garantir o processo de alfabetização de crianças no contexto do ensino remoto em razão da pandemia do COVID-19. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, com a utilização de pesquisa bibliográfica que possibilitaram identificar as concepções de alfabetização presentes nos dados dos estudos e também agrupar os desafios relatados em duas categorias, sendo elas: 1. Dificuldade do professor para usar recursos digitais e a escassez de recursos acessíveis e disponíveis ao trabalho pedagógico; 2. Limitações no acompanhamento da família ao estudante. Como aporte teórico, contamos com as contribuições de autores como SOARES (2021); LEMLE (1991); ALMEIDA (2022); COSTA (2022); CAMINI (2022); CAVALINI (2022); LOURENÇO (2022); NOBRE (2022); SILVA (2022); PESSOA (2022); SILVA (2022); VALDIVINO (2021); Os resultados mostraram que o Ensino Remoto em razão da pandemia do COVID-19, com todas as mudanças que trouxe para o processo de ensino-aprendizagem na alfabetização de crianças desencadeou uma série de impedimentos, dificuldades e restrições na aprendizagem das crianças.

**PALAVRAS-CHAVE:** ALFABETIZAÇÃO; ENSINO REMOTO EMERGENCIAL; DESAFIOS PEDAGÓGICOS;

## **1- INTRODUÇÃO**

O presente trabalho<sup>1</sup> trata dos desafios na alfabetização de crianças no contexto do ensino remoto em razão da pandemia por COVID-19. Os objetivos do estudo foram: objetivo geral, levantar a concepção de alfabetização; Objetivo específico, compreender os desafios para alfabetizar no contexto do ensino remoto<sup>2</sup>, após o fechamento das escolas em razão da pandemia do COVID-19.

O contexto que motivou o interesse pelo objeto de estudo, nasceu de duas situações objetivas e pessoais em que vivenciei. Na família, deparei-me com pais, cujos filhos estavam matriculados na Rede Municipal de ensino e que disseram estar preocupados, pensando em como ajudariam seus filhos a realizarem as atividades escolares. Visto que a maioria desses pais precisava trabalhar e verbalizaram que não se sentiam capacitados para auxiliar suas crianças nas atividades propostas pela escola. Uma mãe, com sua filha matriculada no 1º ano do ensino fundamental - início da alfabetização - relatou-me que estavam recebendo da escola cadernos de atividades para serem realizadas em casa e entregue após um tempo determinado. Disse que estava tendo dificuldades para organizar horários, espaço e para ensinar sua filha a ler e escrever. Perguntei se a criança estava participando de aulas onlines e a mãe negou, alegando que o único contato com a professora e a turma era por mensagens via Whatsapp.

Meses depois, na metade do ano de 2021, quando as aulas presenciais já haviam retornado, tive a oportunidade de conhecer outra faceta de um mesmo problema. Trabalhei com uma professora alfabetizadora que lecionava para uma turma de 1º ano da rede privada e ouvi seus relatos sobre como foi desafiador alfabetizar durante o ensino remoto. Contou-me que seu conhecimento sobre aparelhos tecnológicos e suas funções eram reduzidos e foram insuficientes para as aulas onlines que precisou lecionar durante esse período. Além do desafio de lidar com a tecnologia, havia outros como os recursos, metodologia e didática que

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão (TCC) realizado pela acadêmica Sthefany Oliveira Velasques do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - FAED - 2024, sob orientação da professora Dra. Liliam Cristina Caldeira.

<sup>2</sup> O termo ensino remoto emergencial é definido como uma medida temporária que apresenta como finalidade a manutenção das atividades pedagógicas, de forma síncrona ou assíncrona por meio de webconferências, fóruns, chats, vídeo chamadas entre outros recursos que possam ser utilizados. O termo remoto é utilizado diante da relação com a internet e espaço geográfico (PESSOA, 2022).

precisou desenvolver para alcançar algum resultado. Pensando neste contexto, surgiu o seguinte problema de pesquisa: quais desafios e dificuldades os professores alfabetizadores da rede pública de ensino enfrentaram para alfabetizar durante a pandemia do COVID-19?

Para tanto, este artigo está organizado da seguinte maneira: na primeira parte, denominada “Percurso teórico-metodológico”, foi discutido como a pesquisa foi realizada, seus objetivos. Ainda nesse tópico foi apresentado o material bibliográfico da pesquisa, como foram analisados, quais critérios foram estabelecidos para respectiva a escolha deste e de que forma conseguiram atender os objetivos da pesquisa.

Na segunda e última parte, há um apanhado do conceito de alfabetização na perspectiva dos autores escolhidos, bem como análise e discussão de como se deu o processo de alfabetização das crianças durante a pandemia do COVID-19. Para tanto, levantamos as concepções de alfabetização de acordo com cada artigo científico escolhido e pontuamos os desafios e dificuldades dos professores alfabetizadores para a realização das aulas e elaboração de materiais. Encerrando, nas Considerações Finais retomamos os objetivos geral e específico e a partir deles fazemos o fechamento do trabalho.

## **2 - PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO**

Neste tópico descrevemos como a pesquisa foi construída, as estratégias escolhidas e as análises consideradas. O objetivo geral é levantar a concepção de alfabetização e o objetivo específico é compreender os desafios de alfabetizar no ensino remoto. Para isso, procuramos por trabalhos científicos publicados entre os anos de 2020 a 2022.

Com esse propósito, em Dezembro de 2022, efetuamos um levantamento com as palavras -chave “Alfabetização e ensino remoto” no site Oasis.br. As palavras-chave nos direcionaram para 77 trabalhos acadêmicos publicados. Dentre elas excluimos: Teses, Dissertações e artigos que não atendiam aos objetivos da pesquisa (relatórios técnicos, artigos em outros idiomas, artigos de outras áreas de conhecimento e artigos que não foram publicados nos anos de 2020 a 2022). Outro critério estabelecido foi selecionar publicações que traziam pesquisas desenvolvidas somente em escolas públicas. Assim, restaram apenas 10 publicações. Segue abaixo os trabalhos selecionados organizados em tabela.

**Tabela 1** - Análise dos estudos organizados por autor, ano e título .

AUTOR	TÍTULO	ANO
VALDIVINO, Ednalva da Conceição Dias	Os impactos da pandemia de Covid-19 e do isolamento social no processo de alfabetização de crianças no município de Bento Fernandes/RN	2021
COSTA, Ana Lúcia Brito da	Percepção dos professores da rede pública de Natal sobre a aprendizagem de criança em processo de alfabetização no contexto pandêmico.	2022
LOURENÇO, Andresa de Almeida	Relação família e escola no contexto da pandemia - desafios da alfabetização	2022
SILVA, Enelucia Santos da	Desafios enfrentados por professores na alfabetização de crianças em uma escola Municipal de João Pessoa durante a pandemia	2022
PESSOA, Kalline Martins	O impacto da pandemia nas práticas de alfabetização e letramento do primeiro ano do Ensino Fundamental: um estudo de caso	2022
ALMEIDA, Maria Aparecida Alves de	O Ensino remoto na alfabetização: o uso das tecnologias digitais em uma escola pública de Uiraúna/PB	2022
CAVALINI, Micheli Zandomingue	Práticas e desafios na alfabetização em tempos de pandemia: relatos de professores da região sul do Espírito Santo	2022
NOBRE, Natália Gouveia	O trabalho pedagógico na alfabetização de crianças em tempos de pandemia e de Ensino Remoto: condições de Ensino Remoto: Condições de Ensino e de aprendizagem na Rede Pública	2022
SILVA, Nathália Noura da	Alfabetização em tempos de pandemia: o que dizem os professores	2022
CAMINI, Patrícia	Ensino remoto na pandemia de Covid-19: alfabetização em risco na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre	2022

Após a seleção dos artigos, foram realizados fichamentos de cada um com a finalidade de levantar e organizar as informações relacionadas aos objetivos propostos. Os fichamentos seguidos de leituras possibilitaram identificar as concepções de alfabetização presentes nos dados dos estudos e também agrupar os desafios relatados em duas categorias, sendo elas: 1. Dificuldade do professor para usar recursos digitais e a escassez de recursos acessíveis e disponíveis ao trabalho pedagógico; 2. Limitações no acompanhamento da família ao estudante. As categorias foram estabelecidas a fim de organizar e coletar os dados que respondessem ao problema de pesquisa e atendessem aos objetivos estabelecidos.

### **3 - CONCEPÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO - REVISÃO DE LITERATURA**

Alfabetizar é um trabalho que exige que o professor domine e articule saberes e competências básicas e outras específicas. É necessário um conjunto de conhecimentos, instrumentos e procedimentos pedagógicos para que as crianças comecem a apropriar-se do sistema de escrita alfabética, desenvolvam a consciência fonológica e fonêmica, saibam os usos sociais dos textos, percebam a relação entre os sons da fala e as letras da língua escrita e a implicação que esses dois aspectos podem ter na aprendizagem de quem está no processo de alfabetização. Para isso, o professor deve estar atento a detalhes que para nós, indivíduos já alfabetizados parecem óbvios demais, mas que podem ser para os alfabetizandos - em qualquer idade- elementos importantes para a compreensão e apropriação do sistema alfabético de escrita e da leitura. Para Lemle (1991) professores alfabetizadores são aqueles que têm que lidar com os maiores problemas linguísticos e sobretudo com todos de uma vez.

Para Soares (2021), a alfabetização é um processo em que a criança começa a se apropriar do sistema alfabético de escrita, da leitura e dos usos sociais dos textos. Geralmente, inicia-se na infância e acompanha todas as etapas do desenvolvimento das crianças. É uma condição necessária para que os indivíduos deem continuidade no processo de escolarização. Em consonância com Soares, Lourenço (2022), caracteriza o processo de alfabetização como algo interminável, pois o indivíduo em interação com o mundo está em constante aprendizado.

Na concepção de Nobre (2022), a linguagem é fonte de interação entre os sujeitos. Se manifestando por meio do diálogo promove a comunicação, a troca de ideias e informações. A escrita se apresenta como uma representação da linguagem, e “para aprendê-la é necessário interagir com ela, através de práticas de escrita e leitura. E se tratando dessa, a interação não

acontece de forma direta e sim por intermédio de outros sujeitos, das próprias crianças entre si e dos professores” (NOBRE, 2022). Essa interação, é denominada como alfabetização. Quando sistematizada, é garantida por lei e passa a ter “ordenação, com conteúdo específicos, conjunto de regras e métodos adequados” (NOBRE, 2022).

Na perspectiva de Almeida (2022), alfabetização e letramento são aspectos que devem caminhar juntos e para que o professor alfabetizador possa traçar metas e cumpri-las, contribuindo com o processo de aquisição do código de escrita, das habilidades de leitura e escrita, é preciso estar devidamente preparado para as possíveis dificuldades que possam surgir. Sendo comum que uma turma seja heterogênea nos níveis de conhecimento e que algumas crianças terão mais dificuldades e outras mais facilidades durante o processo de ler e escrever.

Ainda pensando no processo de alfabetização e letramento, Cavalini (2022), destaca que os desafios que essa etapa da escolarização apresenta é um assunto que vem sendo debatido e estudado ao longo de muitos anos na educação. E que faz parte das discussões a conscientização do professor sobre a responsabilidade da escola no processo de alfabetização, bem como a complexidade desse fenômeno que exige a percepção das variadas possibilidades do uso da leitura e da escrita.

Em concordância, Costa (2022), diz que uma alfabetização significativa e efetiva desenvolve não somente as competências linguísticas, bem como traz para os indivíduos a consciência do mundo e de si, contribuindo para o desenvolvimento de uma leitura crítica do mundo que o levará a ser um agente de transformação na sociedade. Dito isso, afirma:

A Alfabetização e o letramento são indissociáveis, assim deve ser compreendida não só como um processo de aquisição da leitura e escrita, mas com um sentido amplo, onde o processo possibilite a criança o entendimento do próprio contexto situacional no mundo nos diversos segmentos sociais, devendo ser desenvolvida no contexto em que a criança se encontra inserida e por meio de práticas sociais, de leitura e de escrita (COSTA, 2022, p.11).

Em paralelo a essa ideia, trazemos Pessoa (2022), com o conceito de alfabetização e o reconhecimento da infância como uma construção social, em que as crianças estão inseridas em ambientes que as estimulam a participar e interagir como atores sociais com plenos direitos. Sendo igualmente necessário considerá-las capazes de interagir com o mundo letrado, além de reconhecer suas capacidades de contribuir com novas ideias para esse mundo.

No que tange a alfabetização e o ensino remoto, a autora pontua como as ações educacionais no início da pandemia contribuíram para uma defasagem de aprendizagem e como alfabetizar tornou-se uma tarefa desafiadora.

Para Camini (2022), a pandemia do Covid-19 trouxe uma descontinuação do processo de alfabetização advindo da desconexão entre professores alfabetizadores e os alunos durante o ensino remoto. Ainda segundo a autora, uma responsabilidade bilateral entre mantenedora (poder público), escola e alfabetizadores precisava acontecer para que não ocorresse uma autoexploração do trabalho docente e para que a escola conseguisse alcançar a meta 5 do PNE (2014-2024), cujo discorre que:

[...] ao final do 3º ano, a criança deve ler e escrever com fluência diferentes gêneros textuais, participando com autonomia de práticas de letramento na sua comunidade. A apropriação do sistema de escrita alfabética faz parte, obviamente, dessa concepção, e deve ser garantida ainda no 1º ano para que as crianças tenham condições de consolidar e ampliar as diferentes habilidades que conferem autonomia ao sujeito alfabetizado até o 3ºano (CAMINI, 2022, p. 254).

Contribuindo com esse raciocínio, citamos Soares (2021), que antes da pandemia já havia levantado dados que demonstram que as taxas de insucesso escolar a cada dia aumentam significativamente ao longo dos anos iniciais da educação básica e que as ações do poder público diante desse fracasso escolar não têm surtido efeito, agravando ainda mais a situação.

Atestando essa ideia, Silva (2022) mostra que a história da alfabetização no Brasil tem uma trajetória de muitos avanços e retrocessos, fundamentados na busca de compreender esse processo e na incessante procura de solucionar problemas e gerar resultados melhores. A autora ainda afirma que:

Em resposta às muitas questões que se colocam na alfabetização, continuar estudando o processo, ponderar sobre a clientela é o momento histórico e sanitário se constituem como fortalecedores da prática pedagógica que defendemos, sempre pautada pelo sentido que os sujeitos atribuem às suas vivências e a possibilidade de a escola não se separar da cultura dos alunos (SILVA, 2022, p.13).

Durante a pandemia do COVID-19 quando as escolas precisam encerrar suas atividades presenciais e iniciar as aulas através do ensino remoto emergencial, muitas dificuldades surgiram em ampla escala. Além do confinamento em casa, perdas familiares e

desempregos, a educação também sofreu fortes abalos com falta de acesso à internet e a aparelhos tecnológicos, além do distanciamento entre professores e alunos trazido pelas telas de um computador ou celular.

Silva (2022), enfatiza a importância do contato visual, sonoro e o toque no desempenho de uma alfabetização efetiva e significativa. Segundo a autora, durante esse período as crianças eram órfãs de educação. Pois para ensinar a ler e escrever é preciso “o contato olho no olho, o ouvir, a atenção necessária para o aprendizado” (SILVA, 2022, p. 16).

Quando a escola deixa de ser o ambiente específico para estudar e aprender e o lar da família passa a ser o novo espaço de aprendizagem, muitas adaptações foram necessárias a fim de lidar com os desafios que as realizações das atividades remoto trouxeram. Pois nem todas as famílias tinham as estruturas para isso. Como mostra Valdivino (2021), em muitos casos, falta um local separado, isolado, em que os alunos possam sentar-se em silêncio e sem interrupções para estudar, ler e realizar as atividades escritas ou assistir às aulas. Em alguns casos, falta também o suporte emocional que é fundamental para que a criança possa ter um bom proveito do ensino” (VALDIVINO, 2021, p. 14-15).

#### **4 - DESAFIOS E DIFICULDADES PARA ALFABETIZAR DURANTE O ENSINO REMOTO**

##### **4.1 - Dificuldade do professor para usar recursos digitais e a escassez de recursos acessíveis e disponíveis ao trabalho pedagógico**

No início de 2020, uma pandemia assolava o Brasil e o mundo. Em menos de três meses mais de 210 países foram contaminados com o novo coronavírus, o covid-19. O cenário global era de mortes, contágios em massa e pouco conhecimento sobre a mecânica biológica do vírus e sua transmissibilidade. De acordo com Matta *et al* (2021), surtos de uma doença, como o COVID-19 têm diversas intensidades e “estabelece relações com as condições socioeconômicas, culturais, ambientais, coletivas ou mesmo individuais”. Ou seja, doenças que tomam grandes proporções e tornam-se endemias e pandemias apresentam variadas facetas dependendo do contexto social em que se encontram. Pandemias e eventos globais costumam estabelecer marcadores sociais e atingem cada cenário social de uma forma diferente.

No que tange a educação, no início de 2020 instituições de educação brasileiras públicas e privadas da educação básica ao ensino superior fecharam suas portas e



suspenderam as atividades presenciais por quase um ano, sendo estas substituídas por atividades a distância através do ensino por meios digitais, entre outros. Foi necessário que estratégias e medidas emergenciais fossem tomadas para ajuste de como se daria o ano letivo e para que o processo de ensino e aprendizagem ocorresse o mais efetivo e possível dentro deste cenário de “calamidade sociosanitária” (MATTA, 2021). Os desafios trazidos com o COVID-19 para a educação transcendia apenas a questão sanitária, se estendendo à esfera política, socioeconômica, culturais e etc. Além de serem agravadas pelas desigualdades estruturais de cada lugar do país.

O Conselho Nacional de Educação (CNE) em parceria com o Ministério da Educação (MEC), em abril de 2020 votaram e elaboraram um documento que trazia orientações e sugestões para todas as etapas de ensino, da educação infantil ao ensino superior. Nele havia normas e orientações aos estados, municípios e instituições de ensino sobre as práticas que deveriam ser adotadas durante a pandemia. O documento exigia que providências fossem tomadas para que os alunos não perdessem o contato com a escola e assim tivessem retrocessos no seu desenvolvimento.

Dentre essas soluções propostas, o Conselho Nacional de Educação (CNE) e o Ministério da Educação (MEC) listaram no documento uma série de atividades e recursos a distância que poderiam ser usados pelas redes de ensino. Seriam estes: materiais didáticos impressos, vídeo-aula, redes sociais e plataformas virtuais. Outras medidas apontadas foram ajustes dos calendários escolares e reorganização e adequação dos cronogramas de avaliação, visto que era “ importante garantir uma avaliação equilibrada dos estudantes em função das diferentes situações que serão enfrentadas em cada sistema de ensino, assegurando as mesmas oportunidades a todos que participam das avaliações em âmbitos municipal, estadual e nacional” (BRASIL, 2020). Sendo o parecer dado a todas as etapas da educação, abrange os anos iniciais do ensino fundamental e conseqüentemente incluindo a alfabetização.

No novo contexto que a educação enfrentou entre os anos de 2020 e 2021, o trabalho do professor alfabetizador foi necessário mais uma vez ser ressignificado. O ensino remoto em caráter emergencial exigiu que novas estratégias e práticas de ensino fossem desenvolvidas mesmo sem nenhum planejamento prévio ou preparo para o uso constante de aparelhos tecnológicos.

O termo ensino remoto emergencial, segundo Pessoa (2022), “é definido como uma medida temporária que apresenta como finalidade a manutenção das atividades pedagógicas, de forma síncrona ou assíncrona por meio de webconferências, fóruns, chats, vídeo chamadas

entre outros que possam ser utilizados. O termo remoto é utilizado diante da relação internet e espaço geográfico” (PESSOA, 2022, p. 37).

Para Pessoa (2022) é importante sabermos diferenciar Ensino Remoto Emergencial com EaD - Ensino a Distância. Afinal são duas modalidades diferentes, embora possuam algumas semelhanças. O Ensino Remoto surgiu como um fenômeno emergencial em função da substituição das aulas presenciais. Sua finalidade é reproduzir o mais fiel possível o ensino presencial.

Segundo Almeida (2022), com todas as mudanças que a pandemia trouxe, o professor alfabetizador precisa ressignificar sua prática pedagógica para que um ensino remoto de qualidade fosse ofertado aos alunos. Entretanto, a ressignificação desta prática pedagógica trouxe ao alfabetizador, alguns desafios. Para tanto, diz:

[...] é importante que todos possam entender e compreender os professores que sentem dificuldades em se adaptar ao novo normal das aulas, pois, a situação que estamos vivendo pode acarretar muita pressão na vida profissional, como também medo na vida pessoal diante de todos os casos de covid 19 que são confirmados todos os dias ao redor do mundo (ALMEIDA, 2022, p. 26).

Um dos recursos utilizados durante esse período foi o uso de tecnologias e plataformas digitais, que serviram como meio de comunicação entre professores, pais e alunos e também como um novo espaço de ensino-aprendizagem.

O uso de ferramentas tecnológicas se mostrou imprescindível durante a pandemia do COVID-19 em várias esferas da sociedade. Dentro da educação foi fundamental para que estudantes de diferentes etapas da escolarização pudessem continuar sua rotina de estudos, mesmo com adaptações. Nesse sentido, o isolamento social reforçou que a tecnologia pode ser uma grande aliada na educação.

Almeida (2022), pontua que apesar dos aparelhos tecnológicos e as ferramentas digitais já existirem antes da pandemia, não eram tão utilizadas nas salas de aulas. Quando as aulas presenciais foram substituídas pelo ensino remoto, as escolas e os professores tiveram que modificar e adaptar suas aulas e metodologias. Diante desse cenário, um dos obstáculos enfrentados por esses profissionais foi a falta de conhecimento para manusear os aparelhos tecnológicos durante as aulas remotas.

Ainda de acordo com a autora, a cada dia é mais comum e frequente a interação das crianças e jovens com a internet e com a tecnologia. Diante disso, tornou-se um novo desafio para os professores conseguir prender a atenção dos alunos durante as aulas, sem que as crianças ao entrar em contato com a internet dispersassem sua atenção para outras atividades. Por isso, ressalta a importância dos educadores em saberem lidar com as Tecnologias Digitais para que as usem como aliadas.

Referindo-se ainda sobre as dificuldades encontradas para alfabetização no ensino remoto, Pessoa (2022), ressalta que por estarem vivenciando o processo de ensinar às pressas e muitas vezes sem conhecimento ou afinidades com o uso de tecnologias, os alfabetizadores precisaram repensar o ensino dos conteúdos, bem como criar avaliações e atividades usando ferramentas digitais, adaptando assim todo o material que havia sido preparado para as aulas presenciais.

A falta de familiaridade com o uso de tecnologia acarretou uma pressão de grande proporção aos professores, que da noite para o dia tiveram que aprender a lidar com essas ferramentas digitais para que conseguissem cumprir com as exigências do sistema. Segundo Cavalini (2022), de repente, as casas dos professores tornaram-se salas de aula e mesmo sem equipamentos adequados foi necessário se reinventar para estar com os alunos sem perder o contato e o vínculo, aspectos tão importantes para o processo de alfabetização.

Lourenço (2022), destaca uma pesquisa realizada pelo Instituto Península em maio de 2020, em que os dados mostram que 83,4% dos docentes sentiam-se despreparados para lecionar por meio do ensino remoto. O que gerou uma preocupação em torno da alfabetização por meio das telas. Visto que a dificuldades em usar os recursos digitais, comprometeram a socialização e o contato que a sala de aula presencial ofertava.

Preocupados em manter a qualidade do ensino, o alfabetizador passa a ter uma carga horária excessiva de trabalho, pois foi preciso muito mais tempo para planejar as atividades e fazer com que os alunos tivessem aulas proveitosas e conseguissem desenvolver as habilidades necessárias. Camini (2022), argumenta:

Ao perderem as referências de espaço e tempo que definiam as rotinas escolares, docentes experimentaram o agravamento dessa autoexploração do trabalho ao longo da pandemia ao precisarem, sem sair de suas casas, buscar por crianças que se tornaram invisíveis ao sistema escolar. Essa busca envolve multiplicar formas de acessar as crianças, estar disponível para contato quando as famílias podem atender e transformar a privacidade de seu telefone pessoal em ferramenta de trabalho (CAMINI, 2022, p. 253).

As rotinas escolares são de extrema importância para os docentes e para as crianças. Visto que são a maneira de saberem o que será realizado nas aulas e como podem se organizar. Assim, Nobre (2022), destaca a dificuldade de construir a noção e a divisão de momentos entre as atividades escolares e outros afazeres dentro do espaço doméstico.

Além dos espaços de aprendizagem, outro desafio foi a disponibilidade de materiais e recursos que chegaram às crianças de modo diferentes, dependendo da condição econômica de cada família. A autora argumenta que:

[...] as crianças que tinham acesso às explicações por vídeo e áudio, essa tarefa se tornava mais clara, mais compreensível. Para as crianças que não tinham acesso a isso, essas tarefas ficavam mais distantes, menos significativas, com menos possibilidade de compreensão, mesmo sendo a mesma página do livro didático ou a mesma atividade impressa para elas. O material não é só o material físico, ele exige mediações. O livro didático é o mesmo, mas sem explicação ele é uma coisa, com explicação ele passa a ser outra (NOBRE, 2022, p.45-46).

Antes da pandemia as desigualdades sociais já existiam, por essa razão ofertar um ensino um ensino de qualidade nesse momento de tantas incertezas eram de extrema importância. Os recursos digitais e o acesso a internet eram necessários na proposta de ensino remoto. Porém o que parecia uma boa opção durante esse período era uma recurso que não contemplava a todos. Silva (2022), assinala que os professores ainda tomavam a iniciativa de solucionar o problema de acesso aos meios tecnológicos, muitas vezes adquirindo equipamentos e materiais com o próprio dinheiro. Entretanto, as crianças não tinham essa opção, pois na maioria das vezes dividiam os aparelhos com outros integrantes da família e muitas vezes não tinham acesso a internet no próprio aparelho, sendo necessário recorrer a uma rede Wi-Fi do vizinho. Esses aspectos impactam diretamente nas condições de ensino-aprendizagem.

Outro aspecto destacado por Costa (2022), foi a dificuldade em cumprir com as habilidades prevista no PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, visto que um dos maiores desafios eram manter contato com as crianças e ao tentar adaptar as práticas pedagógicas não foi possível fazer um acompanhamento adequado e uma avaliação precisa do desenvolvimento dos alunos.

#### **4.2 - Limitações no acompanhamento da família ao estudante**

A escola é um espaço de grande importância para as crianças. Quando começam a frequentá-la é uma das primeiras vezes que experienciam um contato fora da vida e do

cotidiano familiar. É o momento que conhecem pessoas diferentes, com outras visões de mundo, outros hábitos, crenças e valores.

Como nos lembra Lourenço (2022), no processo de alfabetização o vínculo entre escola e família precisa estar ainda mais forte. Pois mesmo não sendo responsabilidade da família alfabetizar as crianças, e sim da escola, muitas delas começam a dar os primeiros passos para ler e escrever ainda em casa, com a ajuda dos pais ou familiares. Nesse ponto, a autora ressalta que “a participação da família deve ser vista como uma extensão da prática educativa, levando em consideração o que é aprendido em sala de aula para suas casas” (LOURENÇO, 2022, p. 13).

Quando chega a pandemia, a escola e o lar da família passam a ser um só. Para Silva (2022) é nesse momento que algumas compreensões equivocadas acerca do apoio familiar no processo de alfabetização precisam ser revistas. O acompanhamento familiar na realização das atividades escolares eram fundamentais, sem eles seria muito difícil continuar, tendo em vista que as crianças dependiam dos responsáveis para organizar o tempo de estudo e para disponibilizar os aparelhos tecnológicos.

Quando não há uma mediação por parte dos pais ou responsáveis, seja por falta de tempo por causa do trabalho, afazeres domésticos ou outras questões, isso gera um impacto no aprendizado da criança, sobretudo quando ela está na etapa da alfabetização. O que reforça a importância da participação da família. Segundo Silva (2022), uma das grandes dificuldades dos alfabetizadores era mostrar para alguns pais que a casa deveria ser uma extensão do aprendizado, que o apoio da família são peças fundamentais para que seus filhos progredissem e a responsabilidade educacional deveria ser compartilhada para não ser unicamente uma incubência da escola. Assim a autora prossegue:

O compromisso que a família tem com a escola teria que ter ficado mais forte durante as aulas remotas, acreditamos que não é fácil assumir a mediação entre escola/aluno, principalmente quando não houve preparação para tal, mas chegou a grande responsabilidade da família de assumir com frequência e assiduidade frente ao desenvolvimento do ensino escolar tão importante durante todo o processo de aprendizado das crianças, o apoio de alguns pais só fortaleceu o trabalho da escola ajudando na positividade do resultado final (SILVA, 2022, p.28)

Diante desse contexto, Cavalini (2022) aponta que os pais tiveram dificuldades em auxiliar os filhos nas atividades propostas pela escola, o que acabou dificultando ainda mais o processo de alfabetização das crianças. Segundo a autora, tratando-se de um momento muito delicado, “a união de família e escola mais do que nunca deve estar em sintonia, para que o processo de ensino seja possível” (CAVALINI, 2022, p. 141).

Colaborando com as ideias de Cavalini, ao mencionar a importância do apoio da família durante o ensino remoto, Almeida (2022) afirma que as crianças que não tiveram esse apoio de certa forma foram prejudicadas. Ao discorrer sobre o assunto a autora nos mostra que para se obter uma educação de qualidade é imprescindível a junção entre escola e família, metodologia adequada e recursos apropriados.

Por outro lado, existem outros aspectos que precisamos levar em consideração. Para Silva (2022), mesmo que a família deva exercer seu papel em qualquer contexto, é necessário que estejamos atentos às realidades de cada uma. Sendo assim, observa que:

Assim como toda a comunidade escolar, os pais ou responsáveis também tiveram que se adaptar, dentro de seus compromissos diários, suas dificuldades, ter seus filhos e filhas dentro de casa integralmente, muitos não puderam parar de trabalhar para que a sobrevivência fosse mantida, portanto, a sensibilidade ao olhar para esta adaptação precisa ser presente, assim como os pais precisam ter essa sensibilidade com as professoras, e ambos com as crianças (SILVA, 2022, p. 33).

A partir dos estudos de Costa (2022) as evidências da pouca participação das famílias no processo de alfabetização durante o ensino remoto em razão da COVID-19, se deu também pela falta de conhecimento e dificuldades de ensinar. De acordo com a autora, “grande parte dos alunos da Rede Pública são de famílias de baixa renda, o que está relacionado diretamente à falta e/ou baixa escolaridade” (COSTA, 2022, p.23).

Outros autores com a mesma linha de pensamento, como Valdivino (2021), enfocam que:

Vários pais até sentem vontade de ajudar os filhos na realização de atividades de ensino, porém, em muitos casos, por não saber ler/escrever, ou por fazê-lo de forma insuficiente, sentem-se incapazes de ajudar de fato, e isso possibilita às crianças um desafio enorme, em termos de falta de apoio, estímulo e até interação, o que leva a implicações para seu desenvolvimento (VALDIVINO, 2021, p.14).

Nessa perspectiva cabe a reflexão sobre a realidade de muitas famílias. Para Valdivino (2021), muitas delas não tiveram as mesmas oportunidades de escolarização, sendo que alguns não foram sequer alfabetizados. Por isso, a autora ainda evidencia a necessidade de conhecer o contexto no qual as crianças estão inseridas, para que as problemáticas sejam identificadas e assim começa a serem pensadas estratégias para diminuir esse impacto no processo de alfabetização.

Ainda na perspectiva de olhar para a realidade das crianças e suas famílias, Camini (2022), aponta que muito do enfraquecimento de vínculo entre a escola e as famílias se deu em razão da limitação das famílias, associadas à falta de acesso a aparelhos tecnológicos e a

escassez de acesso à internet. Fato que contribuiu para desconexão com a mediação docente e consequentemente com o vínculo entre professores e alunos.

## **CONCLUSÃO**

Neste trabalho detalhamos sobre os desafios e dificuldades enfrentados pelos professores alfabetizadores durante o Ensino Remoto Emergencial que se deu em razão da pandemia do COVID-19. Isso foi possível por meio de um processo de análise e levantamento de dados de todos os trabalhos acadêmicos selecionados, que foram descritos e fundamentados teoricamente.

Em análise dos materiais selecionados, observamos como a pandemia do COVID-19 afetou toda a sociedade no geral, mas sobretudo a educação que pela falta de recursos acessíveis e disponíveis para a realização do trabalho pedagógico. Um dado a ser destacado foi o grande impacto que a alfabetização de crianças sofreu durante a pandemia. As informações levantadas mostram que muitas crianças não conseguiram acompanhar as aulas por não ter acesso a aparelhos tecnológicos, internet de qualidade e também pela escassez de auxílio dos pais ou responsáveis que é de extrema importância na escolarização. Evidenciando assim as desigualdades sociais presentes no sistema educacional.

Com o isolamento social e as aulas no modo de Ensino Remoto os professores tiveram que adaptar completamente seus planejamentos, a fim de tentarem atrair a atenção dos alunos para conseguirem aprender os conteúdos. Tratando especificamente do processo de alfabetização, concluímos que não foi possível realizá-la de maneira eficiente e significativa sendo mediada somente por aparelhos tecnológicos e recursos digitais. Visto que não eram todas as crianças que conseguiram ter acesso aos recursos, os despreparo que os alfabetizadores enfrentaram por não terem o conhecimento necessário para essa modalidade de ensino. Fica evidente também, as diferenças percebidas no ensino presencial e no Ensino Remoto, que foi marcado pela ausência de rotina, a falta de um espaço adequado para estudar, a dificuldade em manter o vínculo entre professor e aluno - aspecto de extrema importância na alfabetização - e pouca ou nenhuma participação da família ou responsáveis na execução das atividades escolares.

Sobretudo, nota-se também que além de todos os fatores citados há uma falta de investimentos na educação, visto que os desafios enfrentados durante esse período é fruto da pouca infraestrutura das escolas que não puderam dar o suporte necessários para os alunos e

professores tanto na disponibilidade de recursos materiais, quanto na formação de profissionais capazes de manusear aparelhos tecnológicos.

No que tange a alfabetização, esse processo é fundamental a troca entre professor e aluno e das crianças entre si. Essa interação é indispensável para o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Aparecida Alves de. **O Ensino remoto na alfabetização: o uso das tecnologias digitais em uma escola pública de Uiraúna/PB.** 2022. 55 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras – PB, 2022.

CARVALHO, Marlene. Guia Prático do Alfabetizador. 4. ed. São Paulo - SP: Ática, 1999. 95 p.

CAMINI, Patrícia. ENSINO REMOTO NA PANDEMIA DE COVID-19: alfabetização em risco na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Revista Teias, Porto Alegre, v. 23, ed. 68, p. 250-264, 2 jan. 2022.

CAVALINI ZANDOMINGUE, Micheli. Práticas e desafios na alfabetização em tempos de pandemia: relatos de professores da região sul do Espírito Santo. **DECT - Debates em Educação Científica e Tecnológica**, Vitória - ES, v. 12, ed. 1, p. 131-143, 1 jan. 2024.

COSTA, Ana Lúcia Brito da. **Percepções dos professores da Rede Pública de Natal sobre a aprendizagem de criança em processo de alfabetização no contexto pandêmico.** 2022. 40 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação - Curso de Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal - RN, 2022.

LEMLE, Miriam. Guia Teórico do alfabetizador. 6. ed. São Paulo: Ática, 1991. 72 p.

LOURENÇO, Andresa de Almeida. **Relação família e escola no contexto da pandemia: desafios da alfabetização.** 2022. 30 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação - Curso de Pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB, 2022.

MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., and SEGATA, J., eds. **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia** [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, 221 p. Informação para ação na Covid-19 séries. ISBN: 978-65-5708-032-0.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. nº 9/2020, Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19.. **PARECER HOMOLOGADO PARCIALMENTE Cf. Despacho do Ministro, publicado no D.O.U. de 1º/6/2020, Seção 1, Pág. 32. Parecer CNE/CP. seção 1, Distrito Federal, p. Pág.1-32, 28 abr. 2020.**

NOBRE, Natália Gouveia. **O trabalho pedagógico na alfabetização de crianças em tempos de pandemia e de ensino remoto: condições de ensino e de aprendizagem na rede pública.** 2022. 65 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação - Curso de Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, [S. l.], 2022

PESSOA, Kalinne Martins. **O impacto da pandemia nas práticas de alfabetização e letramento do primeiro ano do ensino fundamental:** um estudo de caso. 2022. 50 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação - Curso de Pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, [S. l.], 2022.

SILVA, Nathália Noura da. **Alfabetização em tempos de pandemia:** o que dizem os professores. 2022. 49 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação - Curso de Pedagogia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, [S. l.], 2022.

SILVA, Enelúcia Santos da. **Desafios enfrentados por professoras na alfabetização de crianças em uma escola municipal de João Pessoa durante a pandemia.** 2022. 48 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação - Curso de Pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, [S. l.], 2022.

SOARES, Magda - Alfabetrar: toda criança aprender a ler e a escrever/ Magda Soares - 1. ed., 3ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2021.